

A PALAVRA VIVA DO CÍRCULO DE BAKHTIN APIMENTANDO A MOQUECA LINGUÍSTICO-EDUCACIONAL CAPIXABA

GEBAKH/UFES¹

Resumo

Procuramos registrar, neste artigo, os principais trabalhos de pesquisa que foram e que têm sido desenvolvidos por participantes do Grupo de Estudos Bakhtinianos, o GEBAKH, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Nos últimos cinco (05) anos, desde a criação oficial do grupo, tem-se intensificado uma preocupação com três grandes questões: a epistemologia bakhtiniana; a relação teoria-prática; e a subjetividade (o sujeito e suas relações dialógicas). Seja no campo da linguística, da análise de textos e discursos, seja no campo da linguística aplicada, em discussões sobre ensino de línguas, contextos interacionais com línguas minoritárias, questões de inclusão de sujeitos marginalizados social e linguisticamente, seja no campo dos estudos culturais, investigando movimentos e práticas culturais também marginalizadas, seja, enfim, na área da educação, discutindo desde a alfabetização até os multiletramentos, o Gebakh tem atuado, levando a palavra viva de Bakhtin a essas reflexões.

Palavras-chave: Estudos bakhtinianos, GEBAKH, linguística, linguística aplicada, educação.

Abstract

We're looking to register, in this article, the main research works which were and which have been developed by participants at the Bakhtinian study group, the GEBAKH, from the Federal University of Espírito Santo (UFES). In the last five (05) years since the official creation of the group, has intensified a concern about three major issues: the bakhtinian epistemology; the theory-practice relationship; and the subjectivity (the subject and dialogical relations). Whether in the field of Linguistics, the analysis of texts and discourse, whether in the field of applied linguistics, in discussions about language teaching, interactional contexts with minority languages, issues of inclusion of marginalized subjects social and linguistically, whether in the field of cultural studies, investigating movements and cultural practices also marginalized, whether, finally, in the area of education, arguing since literacy until the multiliteracies, the Gebakh has been acting, taking the living Word of Bakhtin to these reflections.

Keywords: Bakhtinian studies, GEBAKH; linguistics, applied linguistics, education.

1 Luciano Novaes Vidon (UFES; Coordenador), Sandra Mara Moraes Lima (SEDU-ES/PUC-SP), Vanildo Stieg (UFES), Geyza Rosa Oliveira Novais Vidon (SEMED-VV/UFES), Tatiana Aparecida Moreira (UFSCar), Vivian Pinto Riolo (UFES/UFES), Olivaldo da Silva Marques Ferreira (UFES/UFES), Evandro Santana (SEDU-ES/UFES), Philippe Domingos (UFES), Janny Bachiete (SEDU-ES/UFES), André Freitas Miranda (SEMED-VV/UFES), Guilherme Brambila (UFES), Priscila Costa (SEDU-ES), Edna Morozesk (UFES).

Introdução

Oficialmente, o Gebakh – Grupo de Estudos Bakhtinianos – surgiu em 2010, por influência direta das Rodas de Conversa Bakhtiniana em que eu (Luciano) havia participado em 2009, na Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). O meu encontro com Bakhtin havia se dado bem antes, na verdade, ainda no curso de graduação em Letras-Português, na Universidade Federal de Viçosa (UFV), quando, não sei exatamente por que, em alguma disciplina (acho que Didática), tive contato com o livro da profa. Maria Tereza de Assunção Freitas, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), “Bakhtin e Vigotsky. Psicologia e Educação: um intertexto” (1994). Isso deve ter sido por volta de 1995. Nesse mesmo período, eu desenvolvía uma pesquisa de iniciação científica sobre propostas de redação em livros didáticos de língua portuguesa, orientada pelo então professor da UFV, Marco Antônio Rodrigues Vieira, que não tinha, a princípio, nada a ver com estudos bakhtinianos, mas que discutia, naquele momento, a aquisição da escrita a partir de uma teoria cognitivista situada ou pragmática.

As ideias de Bakhtin trazidas pela profa. Maria Tereza certamente repercutiram em meu trabalho de iniciação científica, já que eu questionava o tradicionalismo das propostas que existiam e apontava na direção de propostas mais situadas e de gêneros mais próximos da realidade dos estudantes. Com esse projeto de pesquisa ingressei no Mestrado em Linguística Aplicada, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), em 1997.

É importante situar esse texto, cujo objetivo principal é historicizar a constituição do Gebakh e a configuração dos estudos que esse grupo vem desenvolvendo, nesse contexto, porque foi nele, isto é, nos horizontes do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Unicamp, que pude reencontrar Bakhtin e dar início a um aprofundamento nos estudos de sua obra, ainda sem a denominação de Círculo de Bakhtin. Foi nesse contexto, e isso é fundamental, que me deparei com duas figuras marcantes em minha formação social e acadêmica, e que têm influência direta na criação do próprio Gebakh: João Wanderley Geraldi, professor aposentado e ex-Diretor do IEL, e Valdemir Miotello, professor da UFSCAR e doutor pelo IEL (orientando do prof. Geraldi).

O prof. João Wanderley Geraldi fazia parte, como colaborador, do grupo de pesquisa do qual eu fazia, também, parte, como mestrando. O grupo, que não tinha exatamente um nome específico, era formado pelas profas. Maria Bernadete Marques Abaurre (a coordenadora do grupo), Maria Laura Mayrink-Sabinson (minha orientadora)

e Raquel Salek Fiad (posteriormente minha orientadora de pós-doutorado na mesma Unicamp). Esse grupo desenvolvia um Projeto Integrado de pesquisa (PI), junto ao CNPq, denominado “Subjetividade, alteridade e estilo: a emergência de dados singulares no processo de aquisição da escrita”, e tinha, nas suas bases teórico-metodológicas, as concepções de linguagem e de sujeito bakhtinianas.

Nesse período, além de acompanhar as discussões do grupo, falas do prof. Geraldi com o grupo, participar de eventos, organizar eventos (juntamente com Miotello, inclusive), fui aluno, também ao lado do Miotello, do prof. Geraldi, em uma disciplina que se propunha a ler exclusivamente textos de Bakhtin (incluídos aí os textos já conhecidos de Volochínov – “Discurso na vida e discurso na arte” [trad. Faraco e Tezza], “Freudismo”, alguns artigos em espanhol [hoje publicados no livro “A construção da enunciação” (2013)] - e de Medviédev – “O método formal nos estudos literários”, em espanhol).

Minha dissertação de mestrado, defendida em 1999, e minha tese de doutorado, defendida em 2003, têm, em sua fundamentação teórico-metodológica, o pensamento do Círculo de Bakhtin, em especial uma concepção dialógica de sujeito, observada, indiciariamente, em dados singulares de aquisição da escrita de um mesmo indivíduo ao longo de sua escolarização básica (ensino fundamental e médio). O papel do outro, na figura do pai, da mãe, dos amigos da escola, dos diversos professores com os quais se interagiu, dos materiais didáticos, paradidáticos, não-didáticos, enfim, o papel do outro na vida desse sujeito foi o mote que o pensamento bakhtiniano me inspirou nesses trabalhos².

Em 2006, ingressei na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), atuando, a partir de então, na orientação de projetos de pesquisa, seja na graduação, através da Iniciação Científica e dos Trabalhos de Conclusão de Curso, seja na pós-graduação, fundados nos princípios dialógicos bakhtinianos. Tudo isso era o Gebakh sendo gestado.

Os primeiros passos do GEBAKH

Em 2008, um primeiro trabalho, no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGEL) da UFES, com essa orientação bakhtiniana foi concluído. Trata-se da dissertação de mestrado de Kátia Regina Franco, intitulada “O editorial na situação de redação do vestibular” (FRANCO, 2008).

2 Ver, a esse respeito, Vidon (2003).

A proposta central dessa dissertação foi analisar como o gênero discursivo Editorial funcionou em uma situação de prova de redação de vestibular. A compreensão dos movimentos dialógico-discursivos para a adaptação genérica operada pelos sujeitos-candidatos foi investigada a partir de *corpus* constituído por redações produzidas no vestibular da UFES de 2006. A análise indicou que a maioria dos candidatos, no processo de adaptação, recorreu ao modo de organização de gêneros opinativos, o que os levou a estruturarem seus textos na forma dissertativo-argumentativa. Partindo da hipótese de que os candidatos, em sua maioria, não dominavam o gênero Editorial de Jornal, as questões de pesquisa foram: Que mecanismos os candidatos acionariam para dar conta da proposta? De que forma eles adaptariam os conhecimentos de outros gêneros apropriados ao gênero editorial e, principalmente, numa situação de vestibular? Quais características do editorial seriam mantidas? E a questão da autoria institucionalizada dos editoriais? Eles teriam conhecimento disto para delimitar o lugar de onde falariam ao seu auditório? Que imagem fariam de seu interlocutor? Para tentar responder às questões, buscou-se respaldo teórico tanto na concepção de gêneros do discurso de Bakhtin (2010c) quanto na de autores que “beberam desta fonte”, mas, de alguma forma, a transpuseram; procurou-se, também, respaldo em estudiosos sobre o ensino, na escola, de gêneros que circulam na sociedade e do funcionamento do gênero editorial em seu campo de atuação, a esfera jornalística, explorada à luz de estudiosos de textos jornalísticos.

Em 2009, três outras orientações de base bakhtiniana foram concluídas e resultaram em dissertações de mestrado, junto ao PPGEL/UFES.

O trabalho de Isaura Maria de Carvalho Monteiro, “Indícios de autoria em narrativas de estudantes” (MONTEIRO, 2009), analisou cinco narrativas produzidas por estudantes do Ensino Médio, mobilizando conceitos para uma análise dialógico-discursiva do problema do autor e da autoria. A escolha do *corpus* refletiu um interesse pela escrita autoral, aquela que apresenta traços singulares. A escrita dos alunos-autores, apesar de terem sido produzidas em contexto institucional escolar, revelou características de um texto literário. Partindo de uma proposta geral, fez-se uma discussão sobre alteridade. A seguir, discutiu-se o problema do autor – no presente e no passado. Na ampla reflexão sobre autoria, através dos conceitos bakhtinianos de autoria, gêneros e estilo, analisou-se nos textos primeiramente a composição do tema, sua valoração e significação no contexto narrativo (BAKHTIN, 1976, 1998, 2010b), para depois discutir a questão do autor e da alteridade na arquitetura da criação (BAKHTIN, 1981, 1998, 2010b, 2010c).

Perguntou-se, então, se traços de autoria puderam ser detectados nas narrativas dos alunos. Pelas análises realizadas, fundamentadas nos conceitos bakhtinianos de criação estética, permitiu-se afirmar que o trabalho de autoria se fez presente na produção dos alunos.

O trabalho de Tatiana Aparecida Moreira, intitulado “A constituição da subjetividade em raps dos Racionais MC’s”(MOREIRA, 2009), cujo objetivo foi observar a constituição da subjetividade em raps do CD duplo Nada como um dia após o outro dia, de 2002, do grupo Racionais MC’s, um dos grupos de maior representatividade do movimento Hip Hop no cenário brasileiro, tendo como enfoque a forma como os locutores (rappers) colocavam-se como sujeitos do discurso em seus raps e o posicionamento responsivo dialógico desses locutores para com seus interlocutores, especialmente o “mano/truta” e o “senhor de engenho”. Os postulados teóricos metodológicos adotados foram os propostos pelo Círculo de Bakhtin (1976[1926], 2010b[1929], 2010c [1979]) sobre dialogismo, atitude responsivo-ativa, gênero discursivo, entoação (tom) e estilo. Além desses postulados bakhtinianos, que representaram a base dos pressupostos teóricos, outras concepções também foram usadas, como as noções de *ethos* discursivo e de cena enunciativa propostas por Maingueneau (2008).

Já o trabalho de Maria Angélica Lopes da Costa Almeida, “As escolhas discursivas na produção escrita de um sujeito-criança: subjetividade, gênero e ethos” (ALMEIDA, 2009), pretendeu mostrar que a criança, ao fazer escolhas identificáveis em seus textos, demonstra capacidade de assumir uma atitude responsiva ativa em certas situações de enunciação. A atitude responsiva ativa é, para Bakhtin (2010c), o que coloca o sujeito numa ativa posição discursiva, tornando-o capaz de concordar, discordar, completar e aplicar os elementos linguísticos da comunicação discursiva, ocorrendo durante todo o processo de compreensão linguística. Na busca dessa atitude responsiva ativa, foram mobilizados os conceitos de estilo, subjetividade e gênero, propostos por Bakhtin. Além disso, abordou-se a noção de *ethos* postulada por Maingueneau (2008), pois se entendeu que, por estar vinculado ao exercício da palavra, o *ethos* poderia se conciliar com a noção de sujeito-ativo de Bakhtin. A pesquisa seguiu os moldes do paradigma indiciário proposto por Ginzburg (1986), que consiste em analisar o objeto de pesquisa seguindo os indícios dos pormenores que constituem o quadro representativo das hipóteses a serem verificadas. O *corpus* da pesquisa foi um

recorte da produção escrita de um sujeito em fase de escolarização, abrangendo as 1ª e 2ª séries do ensino fundamental.

Com a minha ida ao Círculo – Rodas de conversa bakhtiniana -, em São Carlos, em 2009, e a partir da emergência, mais ou menos natural, de um grupo de estudos bakhtinianos sob minha orientação na UFES, decidimos criar, em 2010, oficialmente, o GEBAKH – Grupo de Estudos Bakhtinianos, cujo objetivo principal seria aprofundar nas leituras da obra do Círculo de Bakhtin, discutir suas formulações teórico-metodológicas e carregá-las, levá-las para nossas pesquisas, naquele momento ainda sobre textos e discursos, mas já com algum viés para a educação e o ensino de línguas, ainda naquele momento língua portuguesa (vide os trabalhos, por exemplo, de Isaura e Maria Angélica citados acima, bem como os de minha própria autoria [VIDON, 2009, por exemplo], ou, ainda, orientações em nível de graduação [VIDON et alii, 2014]).

Nesse ínterim, novos orientandos e co-orientandos³ de mestrado, de iniciação científica e de tcc surgiram e se incorporaram ao grupo, casos de Mariléia Tenório Dionísio e Ivan Rozário Almeida Jr, cujos trabalhos são relatados a seguir.

Mariléia Tenório Dionísio discutiu “A questão do valor na linguagem para (o Círculo de) Bakhtin” (DIONÍSIO, 2010). Trata-se de um trabalho teórico metucioso, em que a autora dialoga profundamente com vários textos do menu bakhtiniano. Justificou este trabalho a possibilidade de contribuir para o preenchimento de uma lacuna nos estudos bakhtinianos publicados no Brasil. Caracterizou-se como uma pesquisa teórica inicialmente bibliográfica, entretanto ressignificada à luz do arcabouço epistemológico bakhtiniano. Selecionada uma parcela das obras do Círculo, dois foram os pontos de partida: (1) a constatação da intermitência conceitual-terminológica em torno da noção de valor; e (2) a dimensão axiológica como uma das três grandes coordenadas da concepção de linguagem bakhtiniana, de acordo com Faraco (2006). Pontos de chegada: ratificação do valor como eixo na concepção de linguagem e, sem a questão axiológica,

3 Refiro-me aqui, particularmente, à co-orientação da dissertação de mestrado de Gisele de Freitas Paula Oliveira, “A função de orientador argumentativo dos rótulos em artigo de opinião: uma questão de entonação de valores sociais” (OLIVEIRA, 2010), que, à luz de uma perspectiva sociointeracionista, pesquisou a referenciação através dos rótulos (expressões nominais que sumarizam porções de texto), buscando investigar a função de orientador argumentativo desempenhada por essas expressões. A fim de realizar o objetivo proposto, a pesquisadora valeu-se da concepção filosófica bakhtiniana de valoração (BAKHTIN, 2010a), com o intuito de mostrar que, ao construir o objeto de discurso, o sujeito seleciona as formas linguísticas que melhor se adaptem ao seu projeto de dizer. No entanto, essas escolhas não emanam de um sujeito solitário; pelo contrário, são usadas por um sujeito que é singular e social, simultaneamente, que rejeita e assume diversos valores sociais, os quais determinam a forma e o conteúdo de seu enunciado e com os quais convive.

o dialogismo corre o risco de ser compreendido apenas como mais um conceito abstratizado.

Por sua vez, o trabalho de Ivan de Almeida Rozário Jr., intitulado “Metamorfoses do eu: a alteridade na (re)construção da subjetividade no discurso do adolescente em conflito com a lei”(ROZÁRIO JR., 2011), buscou compreender, por meio do pensamento do Círculo de Bakhtin, a alteridade que se revelava no enunciado de um adolescente em conflito com a lei, partindo da perspectiva dialógica e da relação de alteridade constituída em um processo de intervenção socioeducativa, que culminou em uma reflexão do próprio sujeito sobre sua vida pregressa ao ato infracional e progresso ao período de intervenção/internação. O autor realizou uma reflexão, com base em categorias bakhtinianas como dialogismo, estilo, apreciação valorativa, vozes alheias, subjetividade/alteridade, exotopia, responsabilidade/responsividade, sobre um processo de alteridade e exotopia, marcado pela produção de um texto autobiográfico, uma “escrita de si”, em que as relações de alteridade parecem ser capazes de provocar no sujeito/adolescente-em-conflito-com-a-lei uma postura axiológica e exotópica, que o conduziria a uma possível retomada de sua própria consciência, reconhecendo-se como sujeito constituído nas/das relações dialógicas, possibilitando-lhe resignificar-se como sujeito responsável/responsivo.

No ano de 2010, o Gebakh leu e discutiu os seguintes textos: “Marxismo e filosofia da linguagem” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010), “Os gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2010c), e “Para uma filosofia do ato responsável” (BAKHTIN, 2010a). *A panela de barro da Linguística e da Educação capixabas começava a esquentar.*

Engrossando o caldo da moqueca capixaba

Ao retornar de um Estágio de Pós-Doutoramento, na Unicamp, em 2011, e ter participado, naquele ano, de um minicurso ministrado pelo Prof. Clive Thomson, da Universidade de Guelph, Canadá, de uma conferência ministrada pelo Prof. Craig Brandist, da Universidade de Sheffield, Inglaterra, ambos na USP e organizados pelas profas. Beth Brait (Puc-SP) e Maria Inês Pereira Campos (USP), e do I EEBa – Encontro de Estudos Bakhtinianos, realizado na UFJF, em Juiz de Fora-MG, reativamos, em 2012, o Gebakh, com um novo ânimo e com uma tarefa singular e desafiadora: a realização, em 2013, do II EEBa, na UFES, em Vitória.

O II Encontro de Estudos Bakhtinianos, II EEBA (<https://2eeba.wordpress.com/>), organizado em parceria com o NEPALES, do Centro de Educação da UFES, coordenado pela Profa. Dra. Cláudia Maria Gontijo, reuniu, nos dias 12, 13 e 14 de novembro de 2013, na UFES, em Vitória, em torno de trezentos (300) estudantes, professores e pesquisadores de todo o Brasil e, também, do exterior, com o objetivo de se discutir arte, cultura, linguagem e educação, sob o prisma do pensamento do Círculo de Bakhtin. O II EEBA contou com a participação de grandes especialistas, nacionais e internacionais, em torno da obra do Círculo, tais como Anthony Wall, da Universidade de Calgary, Canadá, Augusto Ponzio e Susan Petrilli, da Universidade de Bari, Itália, Luciano Ponzio, da Universidade de Salento, Itália, João Wanderley Geraldi, da Unicamp, Ana Zandwais, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Valdemir Miotello, da Ufscar, Marisol Barenco de Mello, da Universidade Federal Fluminense (UFF), Luciane de Paula, da UNESP (Universidade do Estado de São Paulo), campus de Assis, e Cláudia Gontijo, da Ufes.

Em paralelo às atividades de organização do evento, o grupo continuou se reunindo, em 2012 e 2013, agora com novos membros, como os profs. Sandra Mara Moraes Lima e Vanildo Stieg, atualmente pós-doutorandos, respectivamente, em Linguística Aplicada, na PUC-SP, e em Educação, na UFES.

Partindo do princípio bakhtiniano de que os gêneros nos são dados como nos é dada a língua materna e que são introduzidos em nossa experiência e em nossa consciência conjuntamente sem que sua estreita correlação seja rompida, Sandra Mara Moraes Lima, em seu projeto de pesquisa atual, “Os gêneros discursivos e o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio” (LIMA, 2015), propõe que se estabeleça uma relação entre o conceito de gênero e o ensino/aprendizagem no Ensino Médio. Considera que os gêneros do discurso organizam nossa fala da mesma maneira que a organizam as formas gramaticais (sintáticas) e que desenvolvemos nossa linguagem verbal a partir do gênero. O pressuposto é de que nos processos interativos identificamos, antes de qualquer coisa, o gênero em questão. O objetivo geral do projeto é definir os conceitos de gênero discursivo e gênero textual e investigar como a intervenção de metodologias referentes aos gêneros pode favorecer o desenvolvimento da leitura/escrita de língua materna no Ensino Médio.

A Tese de Doutorado de Vanildo Stieg, defendida em 2012, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFES, intitulada “Propostas e práticas

de alfabetização em uma turma de segundo ano do ensino fundamental no município de Vila Velha/ES” (STIEG, 2012; 2014), configurou-se em um estudo de caso que teve como hipótese central a ideia de que a adoção do termo ou perspectiva do letramento, por parte do discurso oficial (MEC), representou a possibilidade de conciliação entre as ideias construtivistas e as defendidas pelos seguidores dos “antigos” métodos de alfabetização, tanto no tocante às práticas de alfabetização quanto no que se refere ao campo das decisões políticas. Tendo como pano de fundo tal hipótese, desenvolveram-se duas ações, a saber: a) uma pesquisa de campo que teve como objetivo analisar as práticas de alfabetização (em tempo de letramento) que se concretizaram ao longo do ano letivo de 2010, em uma classe do 2º ano do ensino fundamental de uma escola pertencente à rede pública municipal de educação de Vila Velha/ES e, b) uma discussão em torno das propostas de alfabetização assumidas e proclamadas pelo discurso oficial (MEC), no período compreendido entre 1990-2009, buscando verificar como e com que finalidade(s) política(s) tal discurso tratou e/ou tem tratado o ensino da leitura e da escrita, chegando a caracterizá-lo, na atualidade, como letramento. A presença de conciliações de perspectivas de alfabetização em nosso país colabora para pensarmos que o MEC tratou (tem tratado) o ensino da leitura e da escrita, em tempos de letramento, como um produto, uma mercadoria. E por que razão? Pelo fato de ter sido condizente com as intencionalidades da economia mundial sobre nossa escola/país. Até 2022 o Brasil necessita provar que cumpriu (mais) um dos principais itens da agenda neoliberal, qual seja: apresentar para as instâncias da economia mundial um Ideb 6,0. Uma meta/dado quantitativo que parece que não têm traduzido melhorias para a escola brasileira, desde que foi proclamado, pelo discurso oficial, no início da década anterior. O letramento caiu como uma luva, nesta direção, pois pretende formar minimamente leitores e escritores, o suficiente para que possam fazer as avaliações que poderão colocar os empresários brasileiros em evidência diante das discussões da economia mundial. Neste contexto está idealizado, pelo letramento, a constituição de alfabetizados funcionais.

Atualmente, Stieg desenvolve, como pesquisa de Pós-Doutorado, junto ao PPGE/UFES, o trabalho “A proposta de trabalho com o texto nos cadernos do Pacto Nacional para a Alfabetização na Idade Certa (PNAIC/2013)” (STIEG, 2015). Esta pesquisa questiona as bases teórico-metodológicas acerca do trabalho com o texto proposto pelo PNAIC/2013 as quais se materializam nos cadernos desse programa de formação de professore(as) alfabetizadores(as). Tal programa atinge todos(as) os(as) professores(as) alfabetizadores(as) que atuam no I Ciclo do Ensino Fundamental em todo o Brasil. Análises

preliminares indicam que a proposta de trabalho com o texto é somente pretexto para o ensino das unidades menores da língua (palavra, sílaba, letra). Nos termos de Bakhtin, temos um trabalho com a palavra morta nas classes de alfabetização brasileira proposto pelo PNAIC.

Horizontas epistemológicos gebakhianos

Um horizonte epistemológico que tem marcado os trabalhos do Gebakh, desde a sua criação, consiste em uma **meta-reflexão sobre o fazer científico**, em especial no campo da linguística, da análise de textos e discursos, da linguística aplicada, ao ensino de línguas, às práticas de tradução, e, também, no campo da educação.

Essa questão se intensificou sobremaneira com as leituras realizadas pelo grupo da obra inacabada de Bakhtin, dos seus primeiros anos de vida, “Para uma filosofia do ato responsável” (2010a) – doravante PFAR.

Uma das grandes questões que essa obra traz para nós é uma visão de ciência à frente do seu próprio tempo. No seu tempo, ou no seu pequeno tempo, a visão predominante de ciência era a norteada pelo positivismo de Augusto Comte (1978). Segundo Ponzio (2010, p. 17), “Em PFAR, Bakhtin rejeita a concepção bastante arraigada e aceita da verdade como composta de momentos gerais, universais, como algo reiterável e constante, separado e contraposto ao singular e ao subjetivo”.

Há, assim, na epistémé ocidental positivista, uma desvalorização do ato-atividade em prol do conteúdo-sentido, e, com isso, conforme Bakhtin (id., p. 42), uma perda do todo daquele ato-sentido, provocada por uma separação entre dois mundos, o mundo da vida, “mundo no qual se objetiva o ato da atividade de cada um e o mundo em que tal ato realmente, irrepetivelmente, ocorre, tem lugar”, e o mundo da cultura, o mundo das criações ideológicas, religiosas, científicas, jurídicas, pedagógicas, artísticas, etc. O grande problema, para Bakhtin, é a separação entre esses dois mundos, algo comum à sua época (e também à nossa), configurando, assim, visões de mundo teoricistas, esteticistas, juridicistas, etc.

O mundo teórico de que fala Bakhtin em PFAR (pp. 51-2) tem que ser compreendido como o Estado Epistemológico da ciência em seu contexto histórico, final do século XIX, início do século XX. Não há dúvida de que, nesse mundo, princípios racionalistas e positivistas, como a abstração e o objetivismo, se sobrepõem a princípios tais como a concretude do ato e a singularidade da história.

Ao contrário dessa visão, Bakhtin argumenta que todo ato implica uma responsabilidade moral (ética) – não podemos, simplesmente, a todo momento, delegar ao outro a responsabilidade por nossos atos. Todo ato (estético, jurídico, teórico, etc.) é também singular e histórico. Portanto um conteúdo, um sentido, não pode se sobrepor ao existir, à sua singularidade e historicidade. Um conteúdo-sentido (um objeto de sentido), tem sempre duas faces: o dado e o novo; o significado e o sentido; o estabilizado relativamente e o evento, o acontecimento discursivo. Um ato de pensamento, por exemplo, expresso através de uma linguagem, verbal, pictórica, musical, tem sempre duas faces, e duas forças: o conteúdo-sentido e a historicidade (o autor, o tempo, as circunstâncias e a unidade moral de sua vida).

Em PFAR, escrito entre o final dos anos de 1910 e início de 1920, isto é, há quase cem anos atrás, Bakhtin coloca uma outra questão, derivada da primeira, de âmbito epistemológico mais amplo, que se revela, talvez, a mais relevante para os estudos atuais em várias áreas: **a relação entre teoria e prática**, entre o pensar teórico e o agir prático.

Um dos projetos de futuro que o Gebakh tem se colocado é justamente procurar compreender o porquê desse problema naquele contexto social e histórico. Isso também pode trazer alguma luz do porquê, no nosso contexto social e histórico, ainda, dessa questão ser relevante.

Dentro dessa perspectiva, o grupo tem sido marcado por uma visão *antiteorista* e *anticientifista* do fazer científico, da construção de conhecimento. Para isso, busca diálogos com outros campos do saber, como a Educação, a Sociologia, a Antropologia, os Estudos Culturais, etc. Ainda surpreende como nossas pesquisas, especialmente na Linguística, mas não só, são obedientes ao cartesianismo, ao abstracionismo, ao positivismo, enfim, enquanto as realidades concretas, com as quais nos deparamos, são dinâmicas, multiplanares. Teorias e categorias rígidas de texto, discurso, gênero, sujeito, autoria, educação, não dão conta dessa multiplicidade e complexidade. É imprescindível uma outra ciência, uma *heterociência*, que possa compreender realidades complexas como as das línguas minoritárias e suas práticas de ensino e tradução, ideologias não-oficiais, como a ideologia dos jovens, do movimento hip hop, dos negros, dos surdos, dos indígenas, a arte contemporânea, as novas tecnologias, etc.

Nesta direção podemos citar, dentro do Gebakh, as pesquisas de Evandro Santana, Janny Aparecida Bachieta e Philipe Domingos, em torno da tradução, cultura

surda e da língua de sinais, as de Vivian Pinto Riolo, Olivaldo da Silva Marques Ferreira, André Freitas Miranda, a respeito do discurso midiático, publicitário e jornalístico, e, por fim, os trabalhos de Geyza Rosa Oliveira Novais Vidon e Tatiana Aparecida Moreira, sobre a cultura e o movimento hip hop, e o de Michele Freire Schifler, sobre práticas discursivas afrodescendentes, como o Ticumbi e o Congo.

Em “Tradução e ensino de língua estrangeira: estudo sobre a mediação entre a língua materna e estrangeira propostas por dois materiais didáticos”, Evandro Santana (2015) reflete sobre o uso da língua materna e do uso da tradução enquanto recurso didático a partir da proposta apresentada por dois materiais voltados para o ensino de língua inglesa no Ensino Médio, *Take Over* e *Way to Go*, que são apresentados no Guia de Livros Didáticos (BRASIL, 2014) e utilizados em algumas escolas públicas. A análise parte da compreensão da importância da tradução enquanto ferramenta de aprendizagem de línguas e do conceito de tradução proposto por Jakobson (2010), que distingue três tipos de tradução, a intralingual, a interlingual e a intersemiótica. A questão da linguagem é observada do ponto de vista dialógico, tal como postulado pelo Círculo de Bakhtin, visto que nos manuais do professor há a referência a essa teoria e que as atividades propostas refletiriam, de alguma forma, essa concepção de linguagem. Dentre as diversas vantagens que podemos apontar do uso da atividade tradutória enquanto procedimento didático no ensino de línguas está a questão da interpretação de textos, pois a atividade faz com que a leitura ganhe maior atenção sobre as possibilidades, além de ser uma das atividades privilegiadas no que diz respeito aos objetivos do ensino de língua estrangeira na escola, tal como vemos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2001). É possível observar na maioria das atividades propostas o predomínio de uma dessas modalidades de tradução, e de ainda se observar a não legitimidade da tradução enquanto importante instrumento de aprendizagem de línguas.

Janny Aparecida Bachiete, em sua dissertação de mestrado intitulada “Inserção da língua americana de sinais no ensino de língua inglesa: uma proposta dialógica de translinguismo entre surdos e ouvintes” (BACHIETE, 2015) objetiva analisar a interação de quatro línguas de diferentes modalidades no ensino de Língua Estrangeira (LE) para surdos e ouvintes: português e inglês como línguas de modalidade oral-auditivas, Libras e Língua americana de sinais (ASL) como línguas visual-espaciais. Justifica-se a escolha desta temática devido à escassez de pesquisas na área de estudos surdos e línguas estrangeiras que deem conta dos desperdícios linguísticos ao se inferiorizar as línguas de sinais em detrimento das orais. As atividades foram desenvolvidas em turmas de

ensino regular do ensino fundamental II de uma escola pública brasileira contando com a participação não apenas dos alunos surdos e ouvintes, mas também dos professores de inglês e dos intérpretes das respectivas turmas, da professora surda da sala de recursos da escola e de um professor surdo convidado. Os dados foram organizados a partir da gravação e transcrição das aulas assim como aplicação de questionários, rodas de conversas entre os participantes e anotações da pesquisadora. Buscou-se descrever e interpretar os dados por meio de uma metodologia qualitativa, utilizando a perspectiva dialógica bakhtiniana associada ao paradigma indiciário ginzburgiano tendo em vista a singularidade dos eventos discursivos em questão, apoiando-se para isso também. Espera-se que esse estudo possa trazer contribuições para a melhoria no ensino-aprendizagem da Língua Inglesa de forma crítica, já que a língua é um instrumento de poder e transformação social. Além disso, a interação durante esse processo de ensino gerou ganhos linguísticos por meio da comunicação entre surdos e ouvintes durante o processo de aprendizagem, fomentando o crescimento cultural no embate dialógico entre as línguas envolvidas.

Por sua vez, o trabalho de Philipe Domingos, “Contribuições do Círculo de Bakhtin para o estudo dos gêneros do discurso acadêmico em Libras” (DOMINGOS, 2015), objetiva, sobretudo, apresentar a importância das interações para a constituição e complexificação dos gêneros discursivos em Libras, e demonstrar como esses processos podem contribuir para o trabalho dos tradutores e intérpretes. As concepções de língua e sujeito abordadas neste trabalho, a partir da perspectiva bakhtiniana de pesquisa e de linguagem, também podem nos ajudar a repensar questões de aprendizado de língua tanto para nativos quanto para falantes de línguas estrangeiras.

“O depoimento como discurso de alteridade/autoridade na publicidade televisiva”, dissertação de mestrado de Vivian Pinto Riolo (RIOLO, 2015), analisou o uso do discurso indireto livre como estratégia estilístico-argumentativa no discurso publicitário para produzir os efeitos de realidade, veracidade e legitimação dos produtos/serviços ofertados a partir do gênero depoimento. Esse gênero do discurso tem a essência de relatar fatos como fruto de experiências reais vivenciadas, de modo que, na publicidade, funciona endossando e garantindo eficácia às marcas que estão sendo divulgadas. Sendo a publicidade testemunhal uma estratégia que se utiliza do discurso de autoridade para garantir legitimidade a um produto, este trabalho se destinou a questionar como o discurso que está sendo veiculado na mídia televisiva comporta em si o discurso real daquele que o pronuncia em detrimento do discurso institucional ao qual

representa. Baseados na metodologia sociológica para a análise de enunciados proposta por Bakhtin, Volochínov e Medviédev, dentre outros componentes daquele que ficou conhecido como Círculo de Bakhtin, que considerava ser a interação social o princípio que orienta os usos linguísticos de forma sócio-histórica e culturalmente situada, é que se procedeu às análises deste trabalho. Nesse sentido, as considerações feitas buscaram se nortear basicamente pela construção argumentativa do discurso citado, das emoções e do discurso de autoridade feita pelo publicitário, a partir das relações dialógicas que o cercam. Para tanto, foram estabelecidos diálogos com teóricos da Análise do Discurso e da Comunicação, mas, essencialmente, com o Círculo de Bakhtin. As análises foram qualitativas e interpretativas e as evidências foram buscadas em publicidades que circularam na mídia televisiva no ano de 2012, nos canais de comunicação aberta.

Nesta mesma direção, “Sujeitos de papel: um estudo bakhtiniano acerca da construção de subjetividade promovida pela revista *Capricho*” (FERREIRA, 2015), dissertação de mestrado de Olivaldo da Silva Marques Ferreira, utilizou textos publicados na revista *Capricho* para discutir, sob a perspectiva dialógica bakhtiniana, o papel da mídia impressa na constituição da subjetividade de seus leitores. Como resultado percebeu-se que o leitor presumido da publicação é o adolescente (13 a 17 anos) heterossexual do gênero feminino, familiarizado aos gêneros discursivos virtuais; interessado por tendências em moda, estética (corporal, maquiagens, unhas, cabelos), cultura pop (música, livros, filmes, séries e celebridades em geral) brasileira, norte-americana e inglesa, principalmente; iniciante (ou já iniciado) na vida amorosa e sexual; pertencente às classes A e B. A análise da seção *Terapia de Grupo* levou à identificação de um gênero discursivo originado de uma reelaboração feita pela Revista das atividades realizadas nos encontros terapêuticos popularmente conhecidos como “terapia de grupo”, e demonstrou que o espaço criado na (e pela) Revista promoveu a interação social entre as participantes com a veiculação de um discurso alinhado à ideologia oficial do capitalismo que se manifesta na produção de textos objetivando a autoajuda e também numa visão consumista, classista, individualista e liberal de mundo e de sujeito.

Outro trabalho nesta perspectiva, ou seja, no sentido de discussões em torno de discursos jornalísticos e/ou midiáticos, é a dissertação de mestrado de André Freitas Miranda, intitulada “As cartas de leitor como estratégia discursiva de manutenção ideológica” (MIRANDA, 2015). Nesta pesquisa, o autor se pergunta se as cartas do leitor publicadas pelos jornais “*A Gazeta*” e “*A Tribuna*”, jornais diários de maior circulação no Estado do Espírito Santo, expressam realmente a heterogeneidade de opiniões existentes

na sociedade ou procuram dar a impressão de que há consenso sobre alguns temas. Elas apresentam-se, efetivamente, como um espaço de expressão livre ou há, na reprodução e divulgação dessas cartas, um controle discursivo que objetive a argumentação em favor de determinadas posições ideológicas? Assim, investiga-se como se dá o processo de dialogicidade na construção dessas Cartas, as relações dialógicas entre o discurso representado pelo jornal, o discurso da sociedade capixaba, de forma mais ampla, e o discurso do autor das cartas. As categorias de gênero do discurso, dialogismo, estilo, autoria, entre outras do escopo bakhtiniano, são mobilizadas pelo autor para tentar compreender os dados levantados.

A questão da cultura sempre foi um dos temas fundamentais dos estudos do Círculo de Bakhtin. Desde “Para uma filosofia do ato responsável” (2010) até “A cultura popular na idade média: o contexto de François Rabelais” (1987), Bakhtin e seus companheiros sempre tiveram consciência do papel da cultura na vida humana e, especialmente, no desenvolvimento da(s) linguagem(ns). Assim é que o Círculo fala em dois nascimentos do homem, um para a vida e outro para a cultura. Toda vida e todas as linguagens humanas são impregnadas de cultura, refletida e refratada, particularmente, nos signos ideológicos. Os trabalhos mencionados a seguir refletem sobre signos de culturas afrodescendentes brasileiras sócio-historicamente marginalizadas: danças ancestrais, como o ticumbi, o jongo e o congo, e o movimento cultural contemporâneo do hip hop, com suas formas artísticas, como o rap, o grafite, o break, o dj, o mc, entre outras que constituem os pilares ou elementos dessa cultura. Nessas reflexões, refratadas pelo viés bakhtiniano, discutem-se, a partir dos conceitos de polifonia e identidade, as performances de comunidades quilombolas no Espírito Santo, que mantêm as tradições do ticumbi, jongo e congo, as relações dialógicas de poder no cotejo entre as práticas discursivas do rap nos Estados Unidos, no Brasil e em Portugal e o diálogo, no sentido bakhtiniano do termo, entre a esfera educacional, enquanto representante da cultura hegemônica oficial, e a cultura hip hop, vislumbrando-se, em cada um dos trabalhos, outras formas de escuta, nas quais o outro, sua linguagem, sua identidade e sua cultura sejam valorizados e ressignificados.

Geyza Rosa Oliveira Novais Vidon desenvolve seu trabalho de pesquisa em um contexto limiar entre a escola, enquanto representante da cultura oficial, e a cultura hip hop, e (re)dimensiona o debate das culturas marginais nos contextos oficiais, voltando-se para os sujeitos e suas experiências narrativas. “Entre a cultura oficial e a marginal: a “Escola de Rimas” como prática discursiva limiar” (VIDON, 2015), seu

projeto de pesquisa atual, desdobramento de sua tese de doutorado em Educação pela UFES (VIDON, 2014), aborda a cultura Hip Hop como campo discursivo singular de uma experiência narrativa e de uma subjetividade eticamente responsável, fundada no princípio da alteridade. Discute, também, o espaço escolar como lugar de disputas, que pode ser ressignificado com a introdução de outras práticas discursivas e culturais, entre elas o hip hop, que aponta para a necessidade de ouvir responsiva e responsavelmente as narrativas dos educandos, contribuindo, assim, para a formação crítica desses sujeitos e enfrentando, ao mesmo tempo, práticas de exclusão historicamente instituídas. Para isso, analisa, a partir de uma perspectiva crítica e dialógica, o projeto cultural “Escola de Rimas”, criado por ativistas do movimento hip hop da Grande Vitória e desenvolvido em uma escola da rede pública estadual de ensino do Espírito Santo. O trabalho tem como sujeitos privilegiados os próprios rappers e mc’s que, na cultura hip hop local, brasileira e capixaba, desenvolvem seus raps, suas rimas, músicas, canções, e participam de projetos coletivos criados por eles mesmos. Assim, o projeto “Escola de Rimas” pode ser visto como movimento(ação) de resistência e ressignificação cultural e ideológica, potencialmente propulsor de uma nova práxis pedagógica e social.

Tatiana Aparecida Moreira, em sua pesquisa atual de doutorado em Linguística, pela UFSCar, intitulada “A cultura Hip Hop nos Estados Unidos, no Brasil e em Portugal” (MOREIRA, 2015), analisa raps brasileiros dos Racionais MC’s e de MV Bill, e portugueses dos Mind da Gap e de Boss AC, a fim de mostrar as palavras e contrapalavras que aproximam e/ou distanciam as produções brasileiras e lusas do ponto de vista linguístico, discursivo e estilístico. Para proceder à análise dos corpora, utiliza como pressupostos teóricos e metodológicos os estudos do Círculo de Bakhtin sobre dialogismo, autoria e exotopia, e os de Michel Foucault sobre função-autor, relações de poder e resistência. Como raps estão imersos no universo do Movimento Hip Hop, ela se debruça sobre o contexto sócio-histórico de emergência desse movimento nos Estados Unidos, considerado o berço desse movimento por muitos estudiosos, e também no Brasil e em Portugal, por fazer a análise comparativa entre raps brasileiros e lusitanos. Esse cotejo histórico é importante para a pesquisa para que se compreenda em que medida os elementos dessa cultura (break, graffiti, MC (Mestre de Cerimônia/rapper), DJ e o rap como componente lítero-musical) refletem e refratam relações dialógicas e relações de poder, uma vez que os sujeitos envolvidos na práxis desses elementos inserem-se em relações de poder de determinada época e/ou situação, como a divisão de classes, e relações dialógicas entre os praticantes dessa cultura, bem como daqueles que a refutam.

Michele Freire Schiffler, por sua vez, em seu projeto de pós-doutorado, “Polifonia e identidade na cultura popular de comunidades quilombolas” (SCHIFFLER, 2015), tem por objetivo investigar os mecanismos linguísticos e discursivos por meio dos quais se articulam a identidade e a ancestralidade em performances culturais de comunidades remanescentes de quilombos marcadas por processos escravistas no Estado do Espírito Santo. A análise centra-se em produções como ticumbi, jongo e congo. Para tanto, é observado o processo de construção discursiva de sujeitos históricos a partir das diversas vozes constituintes do ato performático. São mobilizados os conceitos de dialogismo e polifonia aplicados à análise dos trajetos de sentidos inerentes a práticas discursivas identitárias e heterogêneas. A partir do teatro de rua das comunidades remanescentes de quilombos, são articulados conceitos bakhtinianos referentes à teatralidade e à cultura popular, onde são observados o caráter cômico e a subversão de hierarquias sociais expressas em tais performances. A língua e a identidade são pontos centrais na observação, tendo em vista que é por meio da linguagem, verbal e não-verbal, que são transmitidos valores e integradas relações sociais inerentes ao ato performático. É por intermédio do patrimônio cultural, material e imaterial, que são denunciados os problemas e estabelecida a resistência necessária à sobrevivência, à luta e à construção das identidades multiculturais. A performance cultural e a constante troca realizada com a audiência acessam a tradição e a sabedoria ancestral na prática enunciativa. A oralidade revive e atualiza a sabedoria dos antepassados, sendo, ao mesmo tempo, engendrada por esse saber, sendo difusora da tradição de matrizes africanas e afro-brasileiras. Em um jogo discursivo entre a enunciação e o discurso-outro serão interpretadas as elipses, as negações e o silenciamento que traduzem histórias de luta e superação.

Outra questão importante que as leituras bakhtinianas, em particular as levantadas por “Para uma filosofia do ato responsável” (PFAR), “Marxismo e filosofia da linguagem” (MFL) e “Problemas da poética de Dostoiévski” (PPD), têm trazido para o grupo é a respeito da **subjetividade**. Em Bakhtin, essa noção não se desvincula das noções de responsabilidade e responsividade. O ato individual é único, singular e, por isso mesmo, responsivo e responsável, porque tem em seu horizonte o outro, a alteridade.

Bakhtin, em PFAR, faz uma grande crítica ao sujeito moderno, crítica que, aliás, podemos ver repercutir em outras obras do círculo, como MFL, PPD e O método formal nos estudos literários, entre outras. Kant, segundo Bakhtin, empreendeu uma jornada copernicana (2010a, p. 48) em prol da descentração do sujeito de ser teológico para ser gnosiológico – sujeito do conhecimento ou sujeito cognoscente. É aqui que temos

a alusão ao Barão de Munchausen, que tenta se levantar puxando-se pelos cabelos. Nessa perspectiva, analisa-se o outro como se fosse o eu, mas o outro não é o eu, nunca poderá ser.

Há três grandes características na concepção moderna de sujeito: o universalismo (não-singularidade), o racionalismo (logicismo, não-ideológico), o cognitivismo (não prático, não à experiência) - [ver p. 52]. A concepção moderna de sujeito é atravessada, no contexto do positivismo, por um “teoricismo fatal”, a abstração do meu eu singular (como se “eu” não existisse). Um efeito dessa visão de mundo ‘maquinal’, forjada, principalmente, ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII, e consolidada no século XIX, é a transformação ou pelo menos a tentativa de transformar tudo em técnicas. E ainda vivemos uma atualidade em que o pragmatismo, o tecnicismo, o funcionalismo são “forças” de um mesmo discurso.

Bakhtin e o Círculo, especialmente a partir de uma visão sócio-histórico-ideológica de linguagem e das análises da poética de Dostoiévski e da cultura popular na Idade Média e no Renascimento, com o estudo da carnavalização em Rabelais, concebem os sujeitos em constante interação dialógica, em que “cada opinião se torna de fato um ser vivo e é inseparável da voz humana materializada. Inserida no contexto sistêmico-monológico abstrato, ela deixa de ser o que é” (BAKHTIN, 2008, p. 17).

A dialogicidade é, pois, no Círculo de Bakhtin, o todo da interação entre várias consciências: “A consciência nunca se basta a si mesma, mas está em tensa relação com outra consciência” (p. 36).

As relações dialógicas, fenômeno bem mais amplo do que as relações entre as réplicas do diálogo expresso composicionalmente – são um fenômeno quase universal, que penetra toda a linguagem humana e todas as relações e manifestações da vida humana, em suma, tudo o que tem sentido e importância.

Dostoiévski teve a capacidade de auscultar relações dialógicas em toda a parte, em todas as manifestações da vida humana consciente e racional; para ele, onde começa a consciência começa o diálogo. Apenas as relações puramente *mecânicas* não são dialógicas, e Dostoiévski negava-lhes categoricamente importância para a compreensão e a interpretação da vida e dos atos do homem (sua luta contra o materialismo mecanicista, o fisiologismo em moda e Claude Bernard, contra a teoria do meio, etc.) (BAKHTIN, 2008, p. 47).

É com base nessa *heterociência*, que visa, principalmente, auscultar as relações dialógicas em toda parte, que o Gebakh tem procurado compreender os seus sujeitos

de pesquisa, limiars, contraditórios. Nesse sentido, o foco principal está nas relações dialógicas desses sujeitos. A linguagem, o discurso, os textos são pensados, assim como os sujeitos, em processo, inacabados, constituídos dialógica e ideologicamente.

Com a publicação recente no Brasil do livro “Questões de estilística no ensino da língua” (BAKHTIN, 2013), descobrimos um Bakhtin preocupado com questões político-pedagógicas relacionadas à linguagem. Na verdade, já inferíamos alguns dos princípios ali abordados e mesmo os aplicávamos às nossas reflexões e práticas escolares de ensino de línguas. Dentro dessa perspectiva, apresentamos a seguir alguns trabalhos que vão nessa direção, explorando princípios como o do dialogismo, o da compreensão responsivo-ativa, o da heteroglossia, entre outros, aplicados a análises do ensino de língua estrangeira - o uso da língua materna, de línguas de sinais, e de processos tradutórios nesse ensino – e do ensino de gêneros do discurso argumentativo nos ensinamentos fundamental e médio de língua portuguesa. Em todos os trabalhos o mesmo fio condutor: “O pensamento criativo, original, investigativo, que não se afasta da riqueza e da complexidade da vida, não é capaz de se desenvolver nas formas da linguagem impessoal, uniformizada, não metafórica, abstrata e livresca” (BAKHTIN, 2013).

Os trabalhos que orientamos no Departamento de Línguas e Letras da Ufes, seja no Programa de Iniciação Científica, seja nos Trabalhos de Conclusão de Curso, sempre se pautaram por uma crítica propositiva do ensino de língua portuguesa nas escolas, particularmente em relação ao ensino de leitura e produção textual. O objetivo desse trabalho conjunto sempre foi (re)pensar a concretude discursiva do ensino de língua portuguesa nas escolas no que diz respeito às propostas linguístico-pedagógicas de trabalho com gêneros discursivos, em especial os de natureza argumentativa⁴. Os aspectos discursivos pertinentes à noção de gênero têm sido levados em consideração pela prática escolar [pelos professores, pelos materiais didáticos, pelas propostas curriculares, pelos sistemas de avaliação]? Se sim, como esses aspectos têm sido experienciados nessas práticas? Se não, como seria possível torná-los concretos, realizáveis? Ao repensarmos a prática escolar atual de ensino de leitura e produção de texto, a partir do conceito de gêneros do discurso, repensamos toda uma concepção de linguagem, presente nas escolas e na sociedade. Essa concepção parece ainda se encontrar no limiar de uma visão objetivo-abstrata sobre a língua e de uma

4 Ver, neste sentido, Vidon (2009; 2012; 2013; 2014) e Vidon et alii (2014).

visão cognitivo-idealista do sujeito da linguagem. O ensino de língua portuguesa na atualidade parece se encontrar em uma condição limiar entre uma perspectiva textual, de base logicista e uma perspectiva discursiva, de base dialógica.

A condição de limiaridade e contrariedade, conforme pensada por Bakhtin (2008) em relação, principalmente, a momentos de crise na história social, em que pontos de vista epistemológicos se entrecruzam, parece se colocar no contexto atual do ensino de língua portuguesa no Brasil, quando uma concepção dialógica de linguagem, claramente fundada em pressupostos bakhtinianos, entra em relação e conflito com outras concepções de linguagem, tradicionais ou não. É sobre isso que esse trabalho conjunto de pesquisa procura refletir, tomando, como dados privilegiados, materiais didáticos de língua portuguesa de grande circulação nacional e modelos de avaliação linguística, como o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), principal porta de entrada para cursos de nível superior no Brasil. Essas duas práticas discursivas, a do livro didático e da prova do Enem, em nosso entendimento, dialogam, ao mesmo tempo - daí a condição de limiaridade e contrariedade de ambos - com uma tradição tipológica de produção de textos e com uma concepção discursiva de enunciação, permanecendo, assim, por um lado, em um campo ideológico do discurso, mas, por outro lado, provocando rupturas nesse mesmo campo. Configura-se, assim, uma arquitetônica complexa, que intentamos compreender à luz dos estudos bakhtinianos da linguagem.

O trabalho de Guilherme Brambilla Manso, “O gênero discursivo artigo de opinião na prática escolar: o papel das condições de produção não escolar na prática político-pedagógica do gênero” (MANSO, 2015), buscou analisar o tratamento recebido pelo gênero discursivo Artigo de opinião no contexto escolar apontando como as condições de produção não escolar desse gênero devem ser levadas em conta na prática político-pedagógica realizada pelo professor. Partindo de uma metodologia qualitativa e inferencial, duas professoras de língua portuguesa responderam a um questionário sobre como se dá a prática político-pedagógica de gêneros discursivos como o Artigo de opinião, e em que medida fatores discursivos próprios a esse gênero, como as relações dialógicas específicas da esfera jornalística, a historicidade dos temas abordados e as relações entre gênero e subjetividade, como as verificadas nos processos de autoria, são levadas ou não em conta no processo ensino-aprendizagem desse gênero. Para tal discussão, os pressupostos de Mikhail Bakhtin e seu Círculo são explorados no ensejo de se pensar a constituição dos sujeitos envolvidos nesse

processo e de que maneiras sua subjetividade dialoga com a escolarização de gêneros discursivos argumentativos na sua realidade atual de prática escolar. A partir dos depoimentos das professoras acerca do currículo escolar e das demandas próprias do Ensino Médio (como os vestibulares e o ENEM), como detentores de um discurso que se impõe na prática docente, o referido trabalho busca mostrar perspectivas que ampliem horizontes acerca da realidade desses profissionais e o quanto sua subjetividade é atravessada pelo contexto escolar e não escolar na busca por suportes para o ensino de Língua Portuguesa.

Complementando o trabalho de Manso (2015), “Gêneros do discurso argumentativo: o que há além da dissertação escolar?” (GOMES, 2015), de Marina da Silva Gomes, buscou analisar como os gêneros argumentativos são trabalhados na escola, tendo como foco dois aspectos que podem ser representados pelas interrogativas: “o material didático trabalhado proporciona situações reais de interlocução?”; “o material didático prevê um diálogo entre os gêneros discursivos?”. Para responder a esses questionamentos, seguiu-se a abordagem teórico-metodológica desenvolvida por Bakhtin e seu círculo de pensadores. Sobre a inserção do gênero em uma ação interlocutiva, o material didático escolhido como corpus apresenta uma postura interacional e coloca os interlocutores como elementos intrínsecos à produção textual nos gêneros analisados (artigo de opinião e debate). Já sobre a relação entre os gêneros, o que se verificou foi que a coleção apresenta uma postura estruturalista, pois os gêneros não dialogam entre si. Tal conclusão aponta para um avanço, por um lado, no tratamento dos gêneros discursivos nas aulas de língua portuguesa, porém indicam, também, uma concepção, ainda, estruturalista e normativista em parte desse tratamento.

Já Isadora Cássio Lúcio da Rocha, no trabalho intitulado “Coletânea de texto e Posicionamento autoral: Índícios de leitura em produções textuais argumentativas” (ROCHA, 2015), partindo do pressuposto de que, com a expansão do ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio – nos últimos anos, cada vez mais as escolas de ensino fundamental e médio, públicas e particulares, têm se pautado pelas diretrizes implícitas a esse exame, e, que, no que diz respeito à Prova de Redação, o contexto que se coloca é o de produção de um texto dissertativo-argumentativo, a tradicional “dissertação escolar”, tem por objetivo analisar como a coletânea de textos oferecida nas provas de redação do ENEM e de vestibulares, como o VEST-UFES, podem contribuir ou não para o desenvolvimento de um posicionamento autoral dos enunciadores em suas

produções textuais. O *corpus* de pesquisa tem como base textos produzidos neste contexto por alunos do Ensino Médio, da rede pública e privada de ensino e, também, materiais didáticos utilizados para o ensino desse gênero discursivo.

Considerações finais: mais pimenta na moqueca

Procuramos registrar, neste artigo, os principais trabalhos de pesquisa que foram e que têm sido desenvolvidos pelo Gebakh nos últimos cinco (05) anos, bem como nossas principais preocupações teórico-metodológicas.

A dialogia e a parceria, a cumplicidade e o senso de pertencer (coisas que se extinguem no sujeito moderno) é que nos parece que tem criado em cada membro do Gebakh o desejo do encontro, o desejo de fazer “com”, o desejo de criar, reinventar, de pensar fazer novos possíveis “devires”. O clima no Gebakh não é só de uma reunião... é de comunhão, de partilha, de ausculta, de pratica efetiva de alteridade e exotopia. De fato, há um clima em que todos somos meio que obcecados pela palavra alheia, para apreendermos “com” ela, com esse outro Vidon, Vanildo, Philipe, Sandra, Geyza, Janny, Priscila, André Freitas, Edna, Vivian, Evandro, Tatiana, Guilherme, Bárbara, Olivaldo, Camila, Regina, Isadora, Marina, Adriana, Ivan, Kátia, Mariléia, Isaura, André Effgen... e quantos mais desejarem acolhimento entre e no Gebakh. Vemos nisso a expressão máxima de boniteza. E que venham mais 5, 10... muitos anos de Gebakh com atitudes criativas, criadoras, críticas e inventivas.

Referências

ALMEIDA, M. A. L. C. **As escolhas discursivas na produção escrita de um sujeito-criança**: subjetividade, gênero e ethos. Dissertação de Mestrado. Vitória-ES: PPGEL/UFES, 2009.

BACHIETE, J. A. **Inserção da língua americana de sinais no ensino de língua inglesa**: uma proposta dialógica de translanguismo entre surdos e ouvintes. Dissertação de Mestrado (em andamento). Vitória-ES: PPGEL/UFES, 2015.

BAKHTIN, M. **A cultura popular na idade média**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 1987.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BAKHTIN, M. (VOLOSHINOV). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

- _____. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- _____. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro&João Editores, 2010.
- _____. **Questões de estilística no ensino da língua**. São Paulo: Editora 34, 2013.
- _____. ; DUVAKIN, V. **Mikhail Bakhtin em diálogo – conversas de 1973 com Viktor Duvakin**. São Carlos/SP: Pedro & João Editores, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 2001.
- _____. **Guia da Prova de Redação do Enem**. Brasília-DF: INEP/MEC, 2013.
- COMTE, A. “Vida e obra”. **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- DIONÍSIO, M. T. **A questão do valor para (o Círculo de) Bakhtin**. Dissertação de Mestrado (em andamento). Vitória-ES: PPGEL/UFES, 2010.
- DOMINGOS, P. **Contribuições do círculo de Bakhtin para o estudo dos gêneros do discurso acadêmico em libras**. Dissertação de Mestrado (em andamento). Vitória-ES: PPGEL/UFES, 2015.
- FARACO, C. A. “Autor e autoria”. In: BRAIT, B. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- FERREIRA, O. S. M. **Sujeitos de papel: a construção de subjetividade promovida pela revista capricho**. Dissertação de Mestrado. Vitória-ES: PPGEL/UFES, 2015.
- FIAD, R. S; VIDON, L. N (Orgs.). **Em(n)torno de Bakhtin: Questões e análises**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.
- FRANCO, K. R. **O gênero editorial em contexto de vestibular**. Dissertação de Mestrado. Vitória-ES: PPGEL/UFES, 2008.
- FREITAS, M. T. A. **Vygotsky e Bakhtin. Psicologia e Educação: um intertexto**. São Paulo: Ática, 1996.
- GINZBURG, C. **Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- GOMES, M. S. **Gêneros do discurso argumentativo: o que há além da dissertação escolar? Relatório Final de Iniciação Científica**. Vitória-ES: PIIC/UFES, 2015.
- JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 2010.
- LIMA, S. M. M. **Os gêneros discursivos e o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio**. Projeto de Pós-Doutorado. São Paulo: PUC-SP, 2015.
- MAINGUENEAU, D. “A propósito do ethos”. In. MOTTA, A. R.; SALGADO, L. **Ethos discursivo**. São Paulo: Parábola, 2008.
- MANSO, G. B. **O gênero artigo de opinião - da esfera não-escolar para a escolar: o que muda?** Relatório Final de Iniciação Científica. Vitória-ES: PIIC/UFES, 2015.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica.** São Paulo: Editora Contexto, 2012.

MIRANDA, A. F. **A Carta do Leitor como dispositivo argumentativo de manutenção ideológica.** Dissertação de Mestrado (em andamento). Vitória-ES: UFES, 2015.

MONTEIRO, I. M. C. **Indícios de autoria em narrativas de estudantes do ensino médio.** Dissertação de Mestrado. Vitória-ES: UFES, 2009.

MOREIRA, T. A. **A constituição da subjetividade em raps dos Racionais MC's.** Dissertação de Mestrado. Vitória-ES: UFES, 2009.

_____. **A cultura hip hop nos Estados Unidos, no Brasil e em Portugal.** Tese de Doutorado em Linguística (em andamento). São Carlos-SP: UFSCAR, 2015.

OLIVEIRA, G. F. P. **A função de orientador argumentativo dos rótulos em artigo de opinião: uma questão de entonação de valores sociais.** Dissertação de Mestrado. Vitória-ES: UFES, 2009.

PONZIO, A. **Encontros de Palavras: o outro no discurso.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

RIOLO, V. P. **O depoimento como discurso de alteridade/autoridade na publicidade televisiva.** Dissertação de Mestrado. Vitória-ES: UFES, 2014.

ROCHA, I. C. L. **Coletânea de texto e Posicionamento autoral: Indícios de leitura em produções textuais argumentativas.** Projeto de Pesquisa (Iniciação Científica). Vitória-ES: PIIC/UFES, 2015.

ROZÁRIO JÚNIOR, I. A. **Metamorfoses do eu: a alteridade na (re)construção da subjetividade no discurso do adolescente em conflito com a lei.** Dissertação de Mestrado. Vitória-ES: UFES, 2011.

SANTANA, E. **Tradução e ensino de Língua estrangeira: estudo sobre a mediação entre a língua materna e estrangeira propostas por dois materiais didáticos.** Projeto de Pesquisa. Vitória-ES: PPGEL/UFES, 2015.

SCHIFLER, M. F. **Polifonia e identidade na cultura popular de comunidades quilombolas.** Projeto de Pós-Doutorado. Vitória-ES: PPGEL/UFES, 2015.

STIEG, V. **Propostas e práticas de alfabetização em uma turma de segundo ano do ensino fundamental no município de Vila Velha/ES.** Tese de Doutorado em Educação. Vitória-ES: PPGE/UFES, 2012.

_____. **A proposta de trabalho com o texto nos cadernos do Pacto Nacional para a Alfabetização na Idade Certa (PNAIC/2013).** Projeto de Pós-Doutorado. Vitória-ES: PPGE/UFES, 2015.

VIDON, G. R. O. N. **A narratividade do hip hop e suas interfaces com o contexto educacional.** Tese de Doutorado. Vitória-ES, Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), 2014.

_____. **Entre a cultura oficial e a marginal: a “Escola de Rimas” como prática discursiva limiar.** Projeto de Pesquisa. Vitória-ES: PPGEL/UFES, 2015.

VIDON, L. N. **Dialogia, estilo e argumentação no trabalho de um sujeito com a linguagem.** Tese de Doutorado. Campinas: IEL/UNICAMP, 2003.

_____. “Subjetividade e dessubjetivação em gêneros dissertativos-argumentativos escolares”. In: Luciano Novaes Vidon e Maria da Penha Pereira Lins. (Org.). **Da análise descritiva aos estudos discursivos da linguagem - A linguística no Espírito Santo**. Vitória-ES: PPGEL/UFES, 2009.

_____. “Autoria em redações de vestibular: considerações a partir da perspectiva bakhtiniana”. **Revista Estudos Linguísticos**, n. 41. São Paulo: GEL, 2012.

_____. “A prática escolar de ensino de gêneros do discurso dissertativo-argumentativo: pedagogia da dessubjetivação”. **Revista Estudos Linguísticos**, São Paulo: GEL, n. 42, 2013.

_____. “Letramento escolar: entre a tipologia textual e os gêneros do discurso”. **Revista (Con) Textos Linguísticos (UFES)**, v.8, p.328 - 343, 2014.

VIDON, L. N. et alii. “Subjetividade e dessubjetivação em textos dissertativo-argumentativos: concepções, propostas pedagógicas e práticas de produção de texto”. **Revista PerCursos Linguísticos (UFES)**, v. 4, n. 8, 2014.

VOLOSHÍNOV [1927] “Discurso na vida e discurso na arte” (tradução de Cristóvão Tezza, para uso didático). “Discours in life and discours in art (concerning sociological poetics” In: **Freudianism – A marxist critic**, New York, Academic Press, 1976.

VOLOCHÍNOV, V. **A construção de enunciação**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2013.